

O ALQUIMISTA DO SONHO E DA TERRA: ANTÔNIO AUGUSTO BUENO

Felipe Bernardes Caldas

Resumo: Este artigo reflete sobre a produção artística de Antônio Augusto Bueno a partir das exposições: *Toda memória flerta com o infinito*, realizada na Galeria Mamute (RS) em 2021 e *Ocupação* em 2022 no Museu de Arte Contemporânea do RS (MAC-RS). A partir de referências do hermetismo, Gaston Bachelard e Vitor Ramil, problematiza a relação entre produção, lugar e matéria, amalgamada ao processo de desenvolvimento dos trabalhos. Considera a herança artística e poética da qual Antônio Augusto Bueno toma parte a partir da segunda metade do século XX e primeiras décadas do século XXI no Rio Grande do Sul. Este texto lança mão de uma escrita ensaística.

Palavras-chave: Antônio Augusto Bueno. Imaginação material. Poética.

THE ALCHEMIST OF DREAM AND EARTH: ANTÔNIO AUGUSTO BUENO

Abstract: This article reflects on the artistic production of Antônio Augusto Bueno based on his exhibitions: *Toda memória flerta com o infinito*, held at Galeria Mamute (RS) in 2021 and *Ocupação* in 2022 at the Museu de Arte Contemporânea do RS (MAC-RS). Based on references from hermeticism, Gaston Bachelard and Vitor Ramil, it problematizes the relationship between production, place and matter, amalgamated with the process of developing the works. It considers the artistic and poetic heritage of which Antônio Augusto Bueno has been a part since the second half of the 20th century and the first decades of the 21st century in Rio Grande do Sul. This text uses essayistic writing.

Keywords: Antônio Augusto Bueno. Material Imagination. Poetics.

Sempre que falamos abertamente, nunca dissemos verdadeiramente nada. Mas sempre que usamos uma linguagem cifrada ou recorremos a imagens, ocultamos a verdade (Rosarium Philosophorum *apud* Roob, 2017, p. 11).¹

1. Na beira do rio, crianças brincam com o que encontram pelo chão. Pedras, folhas e gravetos tornam-se espadas, lanças, bengalas, varas de pescar, entre tantas outras coisas. A serenidade do lugar, apesar do vento constante, contrasta com a correria, com os gritos e as gargalhadas, espaço e tempo em que pedras se transformam em bolas, folhas, em comida, grama, em colchão, areia, em castelo, ou em bolo, onde tudo pode virar sopa de repente. Quando crianças, nós transformamos o mundo a nossa volta, o quarto, em jardim ou em campo de batalha, a cama, em automóvel ou em foguete, barcos voam e aviões submergem como submarinos, nós transformamo-nos e transformamos o outro em animais, heróis, fantasmas. A casa, o jardim, as ruas, a praia, o campo, tudo são meios e suportes para criação de novos mundos, outras possibilidades para o existente e para a existência e, quando crescemos, a maioria de nós esquece dessa capacidade. A imaginação não é algo oposto à realidade, ela a configura e torna possível outras, assim como a compreensão de nós mesmos, de nosso tempo, de nossa existência e território; como do passado, do não dito, da escuridão e da luz inalcançável. Antônio Augusto Bueno é essa criança que brinca com gravetos, faz barcos voarem, coleciona mamonas, caroços de abacate, junta folhas, empilha coisas, caminha deslumbrado pelo mundo e risca sobre tudo.

2. Entre 2021 e 2022, Antônio Augusto Bueno, realizou duas exposições: *Toda memória flerta com o infinito*, realizada na Galeria Mamute (RS) em 2021 e *Ocupação* em 2022 no Museu de Arte Contemporânea do RS (MAC-RS), além de produzir uma nova série de

¹ A citação trata da linguagem velada, cifrada, enigmática aplicada aos textos e as imagens ligadas a tradição hermética cujo sentido de compreensão está muito além da dimensão descritiva. Aqui entramos no campo dos mistérios, do ocultismo, do esoterismo, do neoplatonismo, em suma, da gnose, ou seja, conhecimento adquirido por diferentes vias a respeito da suposta natureza divina, daquilo que seria primordial, que seria a essência do ser. Em outras palavras, a citação diz respeito à impossibilidade de transmissão plena de conhecimento via as linguagens tradicionais, sejam elas imagéticas, sejam textuais.



monotipias no Ateliê Jabutipê, a fim de comemorar seus 25 anos de carreira. Não foram exposições de caráter retrospectivo, mas sim, de exibição do que havia de mais recente em sua prática.

A produção exibida em *Toda a memória flerta com o infinito*, contemplou desenhos e pinturas, além de uma instalação. Enquanto, em *Ocupação*, o artista passou a ocupar a nova sede do Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul, tornando-o seu ateliê e desenvolvendo trabalhos no espaço. Convidou os artistas Wilson Cavalcanti (Cava), Rogério Severo, James Zortéa, Caroline Veilson, Bruno Tamboreno, Marcelo Lunardi que na ocasião não pode comparecer e Carla Magalhães para dialogar e produzir a partir do encontro naquele espaço. Ambas exposições remetem a trajetória de Antônio, um artista conhecido no Rio Grande do Sul, de um lado, pela prática do desenho, e de outro, como integrante de coletivos, como por exemplo do Ateliê Subterrânea (2006-2015), e por sua capacidade de angariar em torno de si outros artistas e agentes.



Figura 1. Convites das exposições de Antônio Augusto Bueno: *Toda memória flerta com o infinito*, de 2021 e *Ocupação*, de 2022. Fonte: Acervo do artista.

Antônio Augusto, desenha, faz instalações, pinta, modela, grava, coleta, fotografa, administra o Ateliê Jabutipê, entre tantas manifestações artísticas e culturais. Cabe perguntar, frente a tamanha pluralidade, o que haveria em comum entre estas produções? Existiria um fio condutor na prática deste artista nesses 25 anos de trajetória? Como a conduta de vida e trabalho podem ou não se confundir a partir da ação no mundo deste artista?

Apesar das inúmeras exposições, alguns prêmios, seleções diversas, trabalhos em acervos de algumas relevantes instituições, como: Fundação Vera Chaves Barcellos (FVCB), Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS), Museu de Arte contemporânea do Rio Grande do Sul (MAC-RS), Pinacoteca Barão do Santo Ângelo (UFRGS), Fundação Franklin Cascaes e em coleções privadas como Mônica e George Kornies, além de uma trajetória reconhecida por seus pares, ou seja, sobretudo outros artistas, a sua produção não tem, ao meu entender, até o presente momento um olhar atento frente ao tamanho de seu trabalho, aspecto que reverbera em poucos textos reflexivos voltados a sua produção. Neste sentido, este primeiro esforço busca uma breve contribuição para a supressão desta lacuna.

Frente aos trabalhos, a conduta desse artista e os referenciais teóricos utilizados, como Gaston Bachelard, busco uma escrita condizente com o fazer e refletir sobre os trabalhos, deste modo, o texto que seguirá nos próximos tópicos oscilará entre o poético e o histórico, entre a descrição e a conotação, entre o noturno e uma fagulha do diurno como nos ensinou Bachelard. Tão importante quanto o que está escrito será o silêncio entre um ponto e o outro, um parágrafo e o outro, entre a imagem e a palavra, sem perder de vista que toda escrita é uma reinvenção da obra.

Os segmentos textuais partem dos princípios do hermetismo como chaves reflexivas para a discussão a respeito do fazer e da conduta artística de Antônio Augusto Bueno. São sete os princípios herméticos: 1- O Todo é mente; o universo é mental. 2 - O que está em cima é como o que está embaixo. O que está dentro é como o que está fora. 3 - Tudo se move, nada está parado, tudo vibra. 4 - Tudo é Duplo; tudo tem polos; tudo tem o seu oposto; o igual e o desigual são a mesma coisa; os opostos são idênticos em natureza, mas diferentes em grau;



os extremos se tocam; todas as verdades são meias verdades; todos os paradoxos podem ser reconciliados. 5 - Tudo tem fluxo e refluxo, tudo tem suas marés, tudo sobe e desce, o ritmo é a compensação. 6 - Toda causa tem seu efeito, todo o efeito tem sua causa, existem muitos planos de causalidade, mas nada escapa à lei. 7 - O gênero está em tudo; tudo tem o seu princípio masculino e o seu princípio feminino; o gênero se manifesta em todos os planos. Encontraremos estes princípios atribuídos a Hermes Trismegisto em fontes variadas e para a presente reflexão foi utilizado o livro, *O Caibalion* (2021), cuja primeira edição data de 1908 e sua primeira publicação no Brasil de 1912, autoria é identificada apenas como *Os três iniciados*.

3. “O que está em cima é como o que está embaixo. O que está embaixo é como o que está em cima.” “Tudo se move, nada está parado, tudo vibra” (Iniciados, 2021). Esses dois princípios herméticos estão embasados na indissociabilidade do homem com seu ambiente, no qual o dentro e o fora são apenas perspectivas parciais de algo que é partícipe de um mesmo, no entanto, que apresenta vibrações distintas e está em constante movimento. Em que a humanidade e o ambiente tornam-se um só, partilham de uma consciência comum, na qual nada está parado, tudo está em movimento, em transformação. John Dewey (2010) em *Arte como experiência* discorre sobre a necessidade de uma consciência e de uma interação com o meio, com o habitat para que pudéssemos, efetivamente, ter uma experiência e, dela, transformarmo-nos.

Antônio Augusto Bueno, ao caminhar, ao respirar, ao coletar, ao trabalhar, ao viver expressa uma conduta na qual é indissociável produção artística e a própria vida, aspectos que estão nos gestos do desenho como extensão corporal, na matéria da pintura e suas camadas como tecido, pele, carne, assim como nos troncos, galhos, folhas, frutos, recolhidos na natureza e recontextualizados, transformados em outra natureza, não para negar a primeira, mas para lembrar de nossa partilha com o todo. Lembrar que as montanhas, as árvores, as terras, os ventos, os rios são entidades, seres e não, simplesmente, coisas à nossa disposição. Estes seres não são reflexos de nosso ego, mas extensões de nós, desta forma, somos também matéria, natureza, no entanto, talvez a única matéria capaz de refletir sobre sua própria condição enquanto matéria.

Penso que Antônio Augusto, opera como um alquimista em sua prática artística, não busca transformar chumbo em ouro, ou homens bons em homens melhores, ou o elixir da vida, mas da transformação do banal em poesia, do simples caroço de um abacate, de uma folha caída, ou de um tronco em decomposição faz objetos poéticos e, talvez, filosóficos. Opera a transubstanciação pagã sacramentada por aquilo que chamamos de arte. Ao olharmos o emaranhado de gravetos secos, é como se olhássemos um conjunto de corpos de sucessivas transformações, do broto ao galho esplendoroso, forte, retumbante, agora frágil, como se nos dissesse que aquilo que hoje é forte amanhã estará fraco e se transformará na matéria orgânica necessária para o florescimento de um novo ciclo. Existe algo de existencial em cada trabalho, existe algo de lúdico.



Figura 2. Antônio Augusto Bueno. *Pátio do Ateliê Japutipê*, 2018.
Fonte: https://www.instagram.com/antonioaugustobueno_/.



Ao meu ver o que há de menor importância na produção poética do artista é uma discussão sobre linguagem, pintura, desenho, escultura, gravura, essas são apenas meios para nos chamar a atenção sobre a dimensão do ser humano frente a uma existência efêmera, passageira, delicada, frágil, no entanto, partícipe de um todo. É a retomada de consciência de um ser, de uma humanidade, que não pode ser pensada desvinculada de seu meio, não apenas cultural, mas natural. O binômio ocidental entre cultura e natureza não faz o menor sentido a partir da perspectiva poética do artista. Existe em parte de seu trabalho uma crítica à arrogância de dominação do homem sobre a natureza, do antropocentrismo, da lógica, a favor da metamorfose, do encontro e da indissociabilidade de opostos.

4. “Tudo tem fluxo e refluxo, tudo tem suas marés, tudo sobe e desce, o ritmo é a compensação” (Os três iniciados, 2021). Antônio não é um monge ou um indígena ligado à floresta e a seus sons, aromas, fauna e flora, muito menos um iniciado ao ocultismo ou aos mistérios iniciáticos, mas um artista, um poeta, um autor, uma criança que se transforma e se adapta como todos nós ao ambiente que se instala e o estimula, assim é possível perceber mudanças na produção do artista, ao mesmo tempo um eixo comum, a tentativa da compreensão de um traço que ligue o interior ao exterior e o exterior ao interior, isso se manifesta desde a expressividade gestual dos desenhos sobre papel e tela, como nos trabalhos a partir de um abacate que propõem o movimento inverso, do exterior para o interior, assim realizando uma analogia sobre sua própria existência. Ao retratar o abacate em decomposição, retrata a própria transformação da vida, fala da finitude de todos nós e de si, assim não opera como no desenho de dentro para fora, como em um movimento expressionista no qual a carga psicológica, afetiva, emocional, projeta-se para fora e deixa suas marcas e cicatrizes através de uma mão, de um corpo que opera, que entra em embate com a matéria; mas, na imagem fotográfica, através da observação registrada, construída pelo meio digital, encontramos o movimento inverso, do mundo natural para dentro. Nesse processo sucessivo, constituinte de prática diária, de dentro para fora, de fora para dentro, proporciona, simultaneamente, que nossa consciência e nossos sentidos e os do artista vibrem ao nos relacionarmos com múltiplas linguagens e operações. Não se trata de

um grito ou de um sussurro, mas de uma fala mansa, de um pulsar no qual sua potência não está nos extremos, mas na busca de equilíbrio.

5. “Tudo é duplo, tudo tem dois polos, tudo tem o seu oposto. O igual e o desigual são a mesma coisa. Os extremos se tocam. Todas as verdades são meias-verdades. Todos os paradoxos podem ser reconciliáveis” (Os três iniciados, 2021). A partir do dito, nós temos dois movimentos evidentes no fazer artístico que, no fim, complementam-se e tornam-se um só. Um movimento do interior para o exterior como em seus desenhos, gravuras e pinturas realizados paulatinamente, não se trata de um jorrar, de um grito, de uma violência gestual, de um gozo absoluto e momentâneo, mas de algo que acontece ao longo do tempo, vagarosamente construído, feito em camadas sobrepostas e, por ora, desveladas, rasgadas, perfuradas e, novamente, sobrepostas, que resultam, no fim, em vários trabalhos nos quais a superfície não exhibe um corte na carne pictorial, mas um conjunto de cicatrizes.

É nas pinturas ou nos desenhos, não importa o que são (pinturas ou desenhos), realizados sobre tela que melhor podemos observar a dimensão da cicatriz. Isso, provavelmente, ocorre em função das características materiais empregadas, uma vez que o tecido possibilita uma maior resistência material para as diversas sobreposições. Desse modo, essa pele que exhibe cicatrizes contém a memória construtiva do próprio trabalho, e talvez contenha a memória afetiva tornada material do próprio artista. A cicatriz é semelhante a um rastro, você não vê nada além da cicatriz quando se depara com ela, mas ela é o indício de um conjunto de eventos, a marca de uma vida pulsante, de um pensar e de um agir constantes, e, por isso, carrega consigo uma memória latente, como no trabalho *Toda memória flerta com o infinito*, 2021.

O trabalho artístico não é uma viagem egocêntrica do artista como por ventura possa parecer a partir de minhas próprias palavras, mas um entendimento existencial que nos convoca a olhar a nós mesmos, as nossas próprias cicatrizes corporais e mentais, espirituais, e, ao nos proporcionar olharmos nossas próprias cicatrizes, aciona memórias afetivas e culturais. O trabalho feito cicatriz e, por sua vez, uma memória latente talvez cumpra a função de lembrar-nos que “toda causa tem seu efeito, todo o efeito tem sua causa, existem muitos planos de causalidade, mas nada escapa à Lei” (Os três iniciados, 2021).





Figura 3. Antônio Augusto Bueno. *Toda memória flerta com infinito*, 2021, 150 x 150 cm. Óleo, acrílica, pigmentos, carvão, grafite e ponta seca sobre tela. Fonte: acervo do artista.

Já no movimento do exterior para o interior, nós temos a maioria dos trabalhos em fotografia, instalações e objetos. Estes observados e recolhidos na natureza, nas ruas ou no pátio de seu próprio ateliê são, literalmente, o mundo que invade o artista, e é na sensibilidade, no embate, na capacidade reflexiva, contemplativa, que faz desse mundo que o invade uma analogia da nossa própria existência. É inevitável a decomposição, é inevitável a morte, tudo tem uma dimensão de

finitude, todos os ciclos se encerram, mas nós tentamos estender ao máximo cada ciclo, ao retratar o abacate apodrecendo, tirar moldes e fundir em alumínio os caroços deste, ou fazer peças cerâmicas, opera uma tentativa de permanência, de fixação e de construção da memória através de narrativas que vão além da dimensão material orgânica e o faz estagnando a ação do tempo sobre a matéria perecível e transmutando-a para uma matéria mais permanente como o metal. Resignifica a matéria orgânica, transforma-a em poesia, fixa-a em um corpo afetivo, poético e igualmente material para nos chamar a atenção que aquilo que parece externo a nós é, na verdade, extensão e, simultaneamente, reflexo de todos nós. Esse processo artístico remete-me à busca de realização daquilo que todos nós, há milhares de anos tentamos constituir, ou seja, vencer a morte. Essa busca de vencer a morte é algo arraigado à nossa existência há milhares de anos, envolve questões religiosas, místicas, espirituais, atividades cotidianas como a preocupação da constituição de um legado, ou seja, o que vamos deixar para humanidade, para o outro que virá, alguns de nós projetam a continuidade nos próprios filhos, outros nas empresas, nas construções arquitetônicas, e assim buscamos continuar vivendo mesmo após a morte. Os artistas, durante milhares de anos, foram os artífices do tempo e da memória coletiva e individual e existe algo desse desejo na fixação do orgânico, seja por meio da fundição, seja como a captura fotográfica do momento fugaz no trabalho deste artista.

6. Essa ligação, trânsito, movimento e vibração não ocorrem apenas no plano da matéria e do espírito, do dentro e do fora, do artista à obra, da obra ao artista, mas, igualmente, do artista com sua hereditariedade artística, a comunidade que o circula e suas topografias e clima. Quando falo aqui em hereditariedade artística, estou pensando, justamente, no diálogo que os trabalhos de Antônio Augusto travam com a herança cultural e artística precedente e atual, sobretudo deste território, o Rio Grande do Sul, mas sem se limitar. A potência da linha, da visualidade dos chamados desenhos, está embebida de uma linha incontornável de Iberê Camargo, uma sujeira que deixa rastros de Wilson Cavalcante (Cava), de uma trama e de uma complexidade entre gestos e grafismos de Teresa Poester, está, igualmente, na utilização composicional de Carlos Pasquetti, de um traço que se destaca da composição e se torna



uma espécie de ícone e nos remete a Flávio Gonçalves. Além de artistas como Gerson Reichert, James Zórtea e Gabriel Netto. Seus espaços vazios em confronto com pequenas áreas de forte densidade material convocam Cy Twombly, levam ao diálogo com os desenhos de Nuno Ramos, Nelson Félix, Marcelo Solá. Seus gravetos armados têm algo de Carlos Pasquetti, de Hamilton Coelho, quanto talvez de Luiz Gonzaga Mello Gomes, com quem trabalhou e, certamente, remete-nos a Ai WeiWei e Frans Krajcberg.



Figura 4. Antônio Augusto Bueno. *Abacate*, 2019. Fotografia.
Fonte: <https://www.instagram.com/antonioaugustobueno/>.

Diferente dos citados, o trabalho de Antônio Augusto Bueno está embebido da milonga, do vento e do frio deste território, ou seja, talvez no campo das artes visuais seja um dos artistas que mais dialoga com aquilo que Vitor Ramil chamou de *estética do frio* em um clima temperado de um Brasil que não é somente tropical. Não só porque trabalha com Bebeto Alves, esse expoente da música sulina, ou em sua aproximação com os colegas artistas do Uruguai, mas sobretudo nos trabalhos visuais, as grandes áreas dos desenhos remetem à planície, aos campos alagados, ao pampa, a um espaço sem grandes rompimentos topográficos em que o vento corre livremente, como os espaços em branco ou de matizes baixas e talvez seja, justamente, por isso tão natural a Antônio Augusto a aproximação com esses colegas que partilham de um mesmo comum. Este comum passa pela paisagem, o vento, a irradiação solar e sobretudo o frio partilhado capaz de gerar identificações e identidades, sem cair em estereótipos.

Antônio Augusto Bueno, produz com a potência do ínfimo, com a harmonização dos movimentos contrários, ou seja, com o princípio do gênero. “O gênero está em tudo; tudo tem o seu princípio masculino e o seu princípio feminino; o gênero se manifesta em todos os planos” (Os três iniciados, 2021). O princípio do gênero vai além da sexualidade como rapidamente o associamos. Significa duas forças que se complementam e visam gerar, criar, produzir algo. Seria a própria condição da criação. Isto está no processo criativo/constitutivo que venho comentando até aqui de modo não descritivo.

O artista, por meio da condução de um mental partilhado através de seus trabalhos nos leva para outro lugar, para outra consciência de mundo, um vislumbre do homem primitivo ligado ao todo em que não existe dicotomia entre indivíduo e natureza, em que território, bioma, vento, frio e estrelas são extensões umas das outras. Seu fazer, simultaneamente, é capaz, novamente, de proporcionar o deslumbramento com a vida, com o vento, com o frio, com a umidade, com a horizontalidade de um espaço por meio de uma ação mágica, simbólica, mental e material.





Figura 5. Antônio Augusto Bueno. Caderno de pinturas, óleo, acrílica, pastel seco, pastel oleoso e ponta seca sobre papel, 28 x 45 cm. 2020. Fonte: https://www.instagram.com/antonioaugustobueno_/.

7. "O todo é mente; o universo é mental" (Os três iniciados, 2021). O mental pode ser compreendido como a fagulha do fluxo energético que forma a matéria e compõe o pensamento e os sonhos e, assim, em um jorrar, matéria e energia são parte de um mesmo que vibram de modos distintos, cada desenho, imagem, gesto, construção é uma continuidade de um todo que é simultaneamente mental, corporal, material e partilhado por Antônio Augusto Bueno, mas não de pura e indissociável unidade pessoal deste, mas de um coletivo, de uma hereditariedade artística, que vibra, partilha e compartilha de um mesmo e isso está no presente, no passado e no território compartilhado.

O mental não antecede a matéria, é parte constituinte desta, é extensão, ou seja, quando olhamos o fazer artístico de Antônio Augusto o mental não ocorre antes da ação, mas, simultaneamente, em um jogo de forças, pois o mental da matéria, o mental do mundo, do céu azulado

à noite estrelada também se projetam sobre o artista. Assim, criador e criatura tornam-se um só e não um antecede o outro, mas coexistem e (re)existem. Antônio Augusto, por meio de seu trabalho, nos lembra que somos parte do divino quando partilhamos com o todo e entendemos que o tronco retorcido, a grama, a chuva são seres e parte de nós simultaneamente. Não estamos sós, somos parte do todo, da folha que dança ao vento e da pedra imóvel.

O trabalho do artista é uma extensão dele e, simultaneamente, independente dele, ao fazer, o artista modificou a si e a matéria enquanto ela o modificava, e isso é partilhar e produzir para com o todo. A imaginação é material, ou seja, com a mão, com o corpo envolvido no mundo, envolvido pela água, pela terra, pelo fogo, pelo ar e parte deles. O alquímico não está em uma rede imbricada de signos e de símbolos como estamos habituados e aprendemos dentro da história da arte e da cultura, mas na atitude perante a vida. A transubstanciação é constante, todos os encontros nos modificam, o rio nunca é o mesmo, o passo nunca é igual, a mão que desenha ou o beijo são irrepetíveis.



Figura 6. Antônio Augusto Bueno montando a obra *Gravetos Armados* na exposição *O tempo das coisas*, na Pinacoteca Ruben Berta, Porto Alegre, em 2018.

Fonte: <https://www.instagram.com/antonioaugustobueno/>.



REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos*: ensaio sobre a imaginação da matéria. Tradução: Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BUENO, Antônio Augusto; BUENO, Luís Filipe. *Jabutipê*. Porto Alegre: Edição do autor, 2015.

DEWEY, John. *Arte como experiência*. Tradução: Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

OS TRÊS INICIADOS. *O caibalion*: estudo da filosofia do antigo Egito e da Grécia. Tradução: Rosabis Camaysar. São Paulo: Pensamento, 2021.

RAMIL, Vitor. *A estética do frio*: conferência de Genebra. Pelotas: Satolep, 2009. Disponível em: <https://www.vitorramil.com.br/d/Vitor%20Ramil%20-%20A%20estetica%20do%20frio.pdf>. Acesso em: 07 jan. 2024.

ROOB, Alexander. *O museu hermético*: alquimia e misticismo. Tradução: Teresa Curvelo. Köln: Taschen, 2015.

Felipe Bernardes Caldas (Porto Alegre, 1986) é doutor em História, Teoria e Crítica da Arte pelo (PPGAV-UFRGS), Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor adjunto dos cursos (licenciatura e Bacharelado) em Artes Visuais na Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e docente colaborador no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV-UFRGS).